

Ô PROBLEMA DA REMONTA

General EUCLYDES FIGUEIREDO

II

Em número anterior, esta *Revista* publicou um artigo de minha lavra, em que eu rememorava como o **PROBLEMA DA REMONTA** se apresentava há 35 anos passados, insólvel sempre, em virtude do des-caso em que houvera sido tratado pelas administrações militares anteriores. Olhando-se o quadro atual há de se concluir que, de lá para cá, não se encontra muito em que elogiá-las pelo que têm feito intercór-rentemente a esse respeito. O Exér-cito encontra-se atualmente, quanto à remonta na mesma conjuntura em que estava quando a *Missão Indi-gena*, assumia os seus difíceis en-cargos, no Realengo, pela modifi-cação que devia operar na formação dos novos oficiais de tódas as armas.

Terminada a primeira grande guerra, tivemos concurso precioso, para a renovação que se procurava, na *Missão Militar Francêsa*, que proporcionou aos nossos oficiais conhe-cimentos novos, auridos em duras experiências de quatro anos de lutas nos campos de batalha da Eu-ropa, e, introduziu profundas alte-rações no estudo da tática e estra-tégia militares. Entendeu, porém, que a instrução da tropa se devia processar como até então. Houve a introdução de novos métodos de ensino e aperfeiçoamento dos qua-dros, mas quanto à tropa, sómente no que interessava ao manejo e em-prêgo do armamento moderno, aos deslocamentos mais rápidos, pro-curando redobrar a sua velocidade com o aproveitamento, sempre que possível, das viaturas, que tiveram desde então mais larga utilização.

A tudo isso o cavalo, como arma de combate e elemento de trans-porte, persistiu. A cavalaria sofreu restrições, no seu emprêgo nos cam-pos de batalha, principalmente por causa da aparição da sua grande opositora — a arma automática — a qual passou, ela mesma, a ado-tar; mas soube se amoldar às cir-cunstâncias que a guerra assim im-punha. Sobreviveu orgânicamente, nada sofreu, senão melhorou com a dotação do fuzil metralhador nos seus esquadrões — um por pelotão — e a criação do esquadrão de me-tralhadoras. Nenhuma justificativa, pois, encontra-se para que a re-monta da tropa continuasse a ser problema relegado para segundo plano. Ao contrário, as exigências, no que lhe concerne, aumentaram.

Descuidando o Exército da re-monta, os fazendeiros voltaram, mais e mais, as suas vistas para a criação do gado vacum, por ser mais remuneradora que a do ca-valar, de maiores garantias para a colocação dos seus produtos, para os quais encontram sempre compra-dores mais tolerantes, quanto às condições a exigir. A consequência é o despovoamento de eqúideos dos campos do Rio Grande do Sul, Mi-nas Gerais e Goiás. Quem cria ca-valos, hoje em dia, já não o faz em grande escala; atem-se, de prefe-rência, às raças finas, visando a sua utilização no turf, que em conse-quência se tem desenvolvido, ali-mentado pela jogatina.

Vieram depois os conhecimentos dos ensinamentos da segunda Gran-de Guerra, na qual a cavalaria se

viu substituída, em muitas missões, por unidades motorizadas, que fizeram sua aparição triunfante, espetacular, na invasão da França em 1940. O que se passou no teatro de operações da Europa ocidental e posteriormente na luta anfíbia do Pacífico, impressionou demasiado os nossos oficiais estudiosos, os de estado-maior, e o problema, tal como lá se apresentava, fez que as soluções, que a guerra local impunha, fossem trasladadas, quase paralelamente, para o Brasil. Como mais ainda, a nossa Força Expedicionária, prescindisse de cavalaria na sua organização, a arma nobre vai sofrendo, cada vez mais, a ameaça de desaparecimento total, e o problema da *Remonta*, parece, aos poucos, carecer menos de importância aos olhos das nossas autoridades militares.

Urge, pois, encarar de frente as nossas condições, olharmos a peculiaridade das prováveis regiões em que nossas forças de terra terão que operar em caso de guerra, pobres de estradas boas, para nossa indústria bélica, ainda atrasada, assim como para a falta de combustível líquido, necessário para mover os modernos engenhos bélicos. Estes três elementos estudadas as suas condições atuais — o terreno, as máquinas de guerra e o petróleo — são bastantes para fazer deter os espíritos mais avançados, mais progressistas, nas soluções que devemos adotar para a organização dos nossos exércitos de campanha. Fazer o possível, e até mesmo experimentar o impossível, para dotar as forças armadas de terra, como as outras, do que há de moderno, conforme as guerras últimas têm ensinado, mas não desprezar, em troca do modernismo, aquilo que é a rea-

lidade brasileira. Criem-se unidades motorizadas, embora no papel, para o estudo teórico de tática e estratégia nas escolas militares superiores, de modo a preparar chefes para um futuro de possibilidades materiais melhores; desenvolvam-se temas de operações de guerra, fazendo avançar, em ofensiva louca, divisões blandadas, que caminham nos mapas com facilidades que, por muito tempo, o terreno não lhes oferecerá. Preparem-se os espíritos dos oficiais no incessante progresso da arte da guerra, de modo a aparelhá-los para a utilização dos grandes meios, quando possível, e a desejar, e porfiarem sempre, para que atinjamos, materialmente, a um aperfeiçoamento que corresponda às idéias novas, que o progresso impõe. Adote-se, teoricamente, as idéias europeias, mas não se perca de vista o que de real podemos fazer.

Também é falso atribuírem-se aos nossos vizinhos, possibilidades materiais que não têm, e tão cedo não possuirão. Sofrem eles o mesmo atraso que nós; suas estradas, longe dos centros populosos, se resentem dos mesmos males das nossas; suas possibilidades em equipamentos bélicos estão dependendo de indústrias ainda incipientes. Mas uma coisa é verdadeira e nela convém atentar — nas repúblicas do Sul do continente, a criação cavalara, como do gado em geral, sempre foi mais adiantada que no Brasil, produzindo espécimens bons, adequados ao serviço militar, e os fornece ao exército em quantidade suficiente.

Lá o *Problema da Remonta* está resolvido e satisfaz, lá, parece, o progresso não embarça o prosseguimento de um trabalho real.

CASA BALNEÁRIO

Laticínios, Cereais, Doces, Conservas, Massas, Biscoitos e Cereais Finos

Jorge Mont Serrat

RUA GERSON FERREIRA, 191-B — TELEFONE: 39-7417

RAMOS — RIO DE JANEIRO